

DON DELILLO

# O anjo esmeralda

*Nove contos*

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Don DeLillo

Os contos deste volume apareceram originalmente nas seguintes publicações: “Criação”, *Antaeus*, nº 33, primavera de 1979; “Momentos humanos na Terceira Guerra Mundial”, *Esquire*, julho de 1983; “O corredor”, *Harper’s*, setembro de 1988; “A acrobata de marfim”, *Granta*, nº 25, outono de 1988; “O anjo Esmeralda”, *Esquire*, maio de 1994; “Baader-Meinhof”, *New Yorker*, 1º de abril de 2002; “Meia-noite em Dostoiévski”, *The New Yorker*, 30 de novembro de 2009; “Foice e martelo”, *Harper’s*, dezembro de 2010; “A família”, *Granta*, nº 115, outono de 2011.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Angel Esmeralda: Nine Stories

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

© Chen-Chi Chang/ Magnum Photos/ Latinstock

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

DeLillo, Don

O anjo Esmeralda : nove contos / Don DeLillo ; tradução Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The angel Esmeralda : nine stories.

ISBN 978-85-359-2274-5

1. Contos norte-americanos I. Título.

---

13-03866

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

## PARTE I, 7

Criação (1979), 9

Momentos humanos na Terceira Guerra Mundial (1983), 30

## PARTE II, 51

O corredor (1988), 53

A acrobata de marfim (1988), 61

O anjo Esmeralda (1994), 79

## PARTE III, 109

Baader-Meinhof (2002), 111

Meia-noite em Dostoiévski (2009), 125

Foice e martelo (2010), 153

A famélica (2011), 189

# Criação

Uma viagem de carro de uma hora, boa parte dela na subida, no meio da chuva e da fumaça. Eu mantinha minha janela abaixada alguns centímetros, na esperança de sentir uma fragrância, um olor de arbustos aromáticos. Nosso motorista diminuía a velocidade nos piores trechos da estrada e nas curvas mais fechadas, e sempre que vinha um carro em sentido contrário em meio à neblina. Em alguns trechos a vegetação à beira-estrada rareava e víamos um panorama de selva pura, vales inteiros de mata, espalhada entre os morros.

Jill lia seu livro sobre os Rockefeller. Quando se concentrava, ela tornava-se inacessível, como se estivesse completamente estupefata, e durante toda a viagem só a vi levantar os olhos da página uma vez, para ver de relance umas crianças brincando num campo.

O trânsito era escasso nos dois sentidos. Os carros que vinham em nossa direção apareciam de repente, pequenos desenhos animados em cores, desengonçados, cambaleando, e Rupert, nosso motorista, tinha que manobrar depressa na chuva torrencial para

evitar colisões, contornar as valas profundas na pista, esquivar-se da selva que invadia a estrada. Pelo visto, pressupunha-se que todas as manobras evasivas tinham de ser feitas pelo nosso veículo, o táxi.

A estrada ficou plana. De vez em quando surgia alguém no meio das árvores, olhando para nós. A fumaça descia do alto da serra. O carro subiu mais um trecho, curto, e então chegou ao aeroporto, uma série de prédios pequenos e uma pista de pouso. Parou de chover. Paguei Rupert e carregamos a bagagem para o terminal. Então o vimos lá fora com outros homens de camisa esporte, conversando na luminosidade subitamente ofuscante.

O terminal estava cheio de gente, malas e caixas. Jill ficou sentada em sua mala, lendo, com nossas sacolas e bagagens de mão à sua volta. Fui me acotovelando até chegar ao balcão e fiquei sabendo que estávamos na lista de espera, números cinco e seis. Isso fez com que uma expressão pensativa surgisse em meu rosto. Eu disse ao homem que havíamos feito a confirmação em São Vicente. Ele retrucou que era necessário reconfirmar setenta e duas horas antes do voo. Expliquei que tínhamos feito um passeio de barco; setenta e duas horas antes, estávamos no arquipélago de Tobago Cays — onde não há gente, nem prédios, nem telefones. Ele disse que a regra era reconfirmar. Mostrou-me onze nomes num pedaço de papel. Uma prova material. Éramos os números cinco e seis.

Fui dar a notícia a Jill. Ela deixou o corpo afundar na bagagem, um desmaio estilizado. Levou algum tempo para que concluísse o gesto. Depois travamos um diálogo formal. Ela levantou todos os argumentos que eu acabara de apresentar ao homem do balcão. Confirmado em São Vicente. Iate alugado. Ilhas desabitadas. E repeti todas as coisas que ele me dissera em resposta. Ela representou o meu papel, em outras palavras, e eu representei o dele, mas fiz isso no tom de voz mais razoável

possível e acrescentei dados plausíveis, na esperança de aplacar a irritação dela. Também observei que haveria outro voo três horas depois daquele. Ainda chegaríamos a Barbados a tempo de pegar uma praia antes do jantar. E depois a noite seria fresca e estrelada. Ou quente e estrelada. E ouviríamos as ondas quebrando ao longe. A costa leste era famosa pelo rumor das ondas quebrando. E na tarde seguinte pegaríamos o voo para Nova York, conforme o planejado, e nada seria perdido, senão algumas horas naquele autêntico aeroportozinho antilhano.

“Muito neorromântico, perfeito pra hoje. Esses aviões têm quantos lugares, quarenta?”

“Ah, mais”, respondi.

“Mais quantos?”

“Sei lá; mais.”

“E onde que a gente está na lista de espera?”

“Números cinco e seis.”

“Além dos mais de quarenta.”

“Muitos passageiros não aparecem”, disse eu. “São engolidos pela selva.”

“Besteira. Olha quanta gente. Não para de chegar.”

“Muitos vieram só se despedir.”

“Se ele acredita nisso, meu Deus, não quero ele do meu lado, não. O negócio é que essa gente nem devia estar aqui. Estamos na baixa estação.”

“Tem uns que moram aqui.”

“E nós sabemos quais são, não é?”

Chegou o avião, vindo de Trinidad, e ao ouvi-lo e vê-lo as pessoas próximas do balcão se apertaram mais ainda, para chegar mais perto. Saí pelo lado e fui por detrás ao balcão adjacente, onde havia outras pessoas. Os passageiros que haviam reconfirmado começaram a seguir em fila em direção à cabine do serviço de imigração.

Vozes. Uma mulher britânica disse que o voo do final da tarde havia sido cancelado. Todos nós chegamos ainda mais perto. Dois homens antilhanos que estavam à frente brandiram suas passagens diante do funcionário. Mais vozes. Dei vários pulos para conseguir ver por cima da cabeça das pessoas reunidas e olhei para a estrada de terra lá fora. Rupert continuava lá.

Rapidamente as coisas estavam se arranjando. Mercadorias e bagagens saíam por uma porta, passageiros pela outra. Percebi que só restávamos nós, os da lista de espera. As pessoas que se afastavam do balcão pareciam impelidas por uma força salvadora profunda. Era como se uma forma primitiva de batismo estivesse atuando. Os outros ficamos agrupados em torno do funcionário. Ele assinalava alguns nomes, riscando os demais.

“O voo está lotado”, disse ele. “O voo está lotado.”

Restavam oito ou nove rostos, com aquela expressão apática de sofrimento de viajante. Diversas variedades de inglês estavam sendo faladas. Alguém sugeriu que nos reuníssemos e fretássemos um avião. Era uma prática razoavelmente comum ali. Outra pessoa falou num avião de nove lugares. A primeira pessoa que falara anotou os nomes, então saiu, junto com outras, para encontrar o balcão de táxis aéreos. Perguntei ao funcionário a respeito do voo do final da tarde. Ele não sabia por que fora cancelado. Pedi-lhe que pusesse o meu nome e o de Jill no primeiro voo da manhã seguinte. A lista de passageiros ainda não estava disponível, ele retrucou. Só podia nos colocar na lista de espera. Amanhã teríamos mais informações.

Usando apenas os pés, eu e Jill empurramos nossa bagagem até a porta. Um dos que foram procurar um táxi aéreo voltou para nos dizer que talvez fosse possível fretar um avião ainda naquele dia — mas só havia seis lugares. Pelo visto, íamos ficar de fora. Fiz um sinal para Rupert e começamos a levar as coisas para o carro. Ele tinha um rosto comprido e uma falha entre os den-

tes da frente, e usava uma medalha de prata por cima do bolso da camisa — um enfeite oval complicado, preso a uma tira de pano multicolorida.

Jill sentou-se no banco de trás e continuou lendo. Junto ao porta-malas, Rupert comentava que conhecia um hotel perto do porto. Seus olhos voltavam-se para a direita com insistência. Havia uma mulher parada a dois metros de nós, totalmente imóvel, esperando que terminássemos nossa conversa. Tive a impressão de que já a vira dentro do terminal. Usava um vestido cinzento e levava uma bolsa. A seus pés havia uma mala pequena.

“Por favor, meu táxi foi embora”, disse ela a mim.

Era pálida, tinha um rosto suave, nem bonito nem feio, lábios carnudos e cabelos castanhos bem curtos. Com a mão direita junto à testa protegia os olhos do sol. Resolvemos dividir o táxi até o hotel e voltar juntos ao aeroporto no dia seguinte. Ela disse que seu número era sete.

O sol estava quente e forte durante toda a viagem de volta. A mulher ia no banco da frente, ao lado de Rupert. De vez em quando se virava para Jill e para mim e dizia: “É terrível, esse sistema deles”, ou “Não sei como conseguem sobreviver economicamente”, ou “Não garantem que eu vou poder voltar nem mesmo amanhã”.

Paramos para dar passagem a um grupo de cabras, e uma mulher saiu do meio da floresta para nos vender noz-moscada em saquinhos plásticos.

“Onde estamos na fila?”, perguntou Jill.

“Agora somos dois e três.”

“Que horas é o voo?”

“Seis e quarenta e cinco. Temos que estar no aeroporto às seis. Rupert, temos que estar lá às seis.”

“Eu levo vocês.”

“Pra onde estamos indo agora?”, perguntou Jill.



“Hotel.”

“Hotel, eu sei. Que tipo de hotel?”

“Você me viu pulando lá no aeroporto?”

“Não vi, não.”

“Eu dei os maiores pulos.”

“Barbados já era, não é?”

“Leia o seu livro”, disse eu.

A chalupa continuava ancorada no porto. Apontei para ela e disse à mulher no banco da frente que havíamos passado dez dias naquele barco. Ela virou-se com um sorriso fraco, como se estivesse cansada demais para decifrar o sentido de meu comentário. Estávamos na serra, seguindo para o sul. Dei-me conta do motivo que me fazia achar que aquela cidadezinha portuária era menos esmaecida e improvisada do que as outras onde havíamos estado. Construções de pedra. Era quase mediterrânea.

No hotel foi fácil conseguir quartos. Rupert disse que estaria à nossa espera às cinco da manhã. Duas camareiras seguiam à nossa frente pela praia, e um carregador vinha atrás de nós. Dividimo-nos em dois grupos, e eu e Jill fomos levados a uma suíte com piscina. Por trás de um muro de três metros de altura havia um jardim particular com hibiscos, vários arbustos e uma paineira. Havia uma pequena piscina, também só para nós. No pátio encontramos uma tigela cheia de bananas, mangas e abacaxis.

“Nada mau”, disse Jill.

Ela dormiu um pouco. Fiquei flutuando na piscina, sentindo que me desprendia da sensação de suspense, da tensão de ir de um local a outro em grupos — viajantes documentados. Aquele lugar era tão próximo da perfeição que não dava vontade nem de dizer a nós mesmos que sorte fora parar lá. Os melhores lugares novos tinham de ser protegidos de nossos próprios gritos de prazer. Guardaríamos as palavras por semanas ou meses, até um fim de tarde suave em que um comentário qualquer nos faria

relembrar. Creio que acreditávamos, juntos, que uma voz errada é capaz de obliterar uma paisagem. Esse sentimento era ele próprio tácito, e era uma das fontes de nossa união.

Abri os olhos e vi nuvens impelidas pelo vento — nuvens *de vento em popa* — e uma única fragata pendurada numa corrente de ar, as asas longas planas e imóveis. O mundo e todas as coisas nele contidas. Eu não era bobo de achar que estava vivendo algum momento primevo. Era um produto moderno, aquele hotel, planejado para dar às pessoas a sensação de que elas haviam deixado para trás a civilização. Mas se eu não era ingênuo, também não sentia vontade de alimentar dúvidas sobre aquele lugar. Tínhamos vivido meio dia de frustrações, longas idas e vindas num carro, e o toque refrescante da água doce em meu corpo, e a ave a sobrevoar o oceano, e a velocidade daquelas nuvens baixas, aqueles imensos píncaros a desabar, e a sensação de flutuar sem peso, girando lentamente na piscina, como uma espécie de êxtase com controle remoto, tudo isso me fazia sentir que eu sabia o que era estar no mundo. Uma coisa especial, sim. O sonho da Criação que brilha no limite da busca de quem viaja a sério. Nu. Faltava apenas que Jill atravessasse as cortinas diáfanas e em silêncio entrasse na piscina.

Jantamos no pavilhão, com vista para um mar tranquilo. Apenas um quarto das mesas estava ocupado. A mulher europeia, nossa companheira de táxi, estava num canto distante. Aceitei para ela com a cabeça. Ou não reparou ou preferiu não responder.

“A gente não devia chamá-la pra ficar na nossa mesa?”

“Ela não quer”, respondi.

“Mas nós somos americanos. Somos famosos por convidar as pessoas pra se juntar a nós.”

“Ela escolheu a mesa mais isolada. Está satisfeita lá.”

“Talvez ela seja uma economista do bloco soviético. O que

você acha? Ou uma pessoa estudando a situação da saúde aqui, pra ONU.”

“Nada disso.”

“Uma viúva ainda moça, suíça, que veio aqui pra esquecer.”

“Suíça ela não é.”

“Alemã”, disse ela.

“Isso.”

“Zanzando sem rumo de uma ilha pra outra. Escolhendo as mesas mais isoladas.”

“Eles não se espantaram quando eu falei que a gente queria café da manhã às quatro e meia.”

“A ilha inteira tem que se submeter àquela porcaria de companhia de aviação. É terrível, terrível.”

Jill estava com uma túnica longa e calças de tule. Deixamos os sapatos debaixo da mesa e fomos caminhar pela praia, entrando na água até os joelhos num trecho. Um segurança nos observava, junto às palmeiras. Quando voltamos à mesa, o garçom trouxe café.

“Pode acontecer de eles terem lugar para dois da fila de espera, mas não três”, disse Jill. “Eu realmente tenho que estar em Nova York na quarta, mas acho que a gente devia ficar juntos assim mesmo.”

“Nós somos uma equipe. Desde o começo dessa história somos uma equipe.”

“Quantos voos pra Barbados amanhã?”

“Só dois. O que é que tem na quarta?”

“O Bernie Gladman vem de Buffalo.”

“Terra arrasada num raio de vários quilômetros.”

“Foram só seis semanas pra gente conseguir marcar a reunião.”

“Nós vamos conseguir. Se não for no das seis e quarenta e cinco, então no do final da tarde. Claro que se isso acontecer a gente perde a conexão em Barbados.”

“Nem me diga isso”, ela retrucou.

“Só se a gente for pra Martinica.”

“Você é o único homem que percebeu que pra mim tédio e medo é a mesma coisa.”

“Eu tento não me aproveitar disso.”

“Você adora o tédio. Procura situações chatas.”

“Aeroporto.”

“Viagem de táxi de uma hora”, disse ela.

Primeiro as copas das palmeiras começaram a se curvar. Depois veio a chuva, batendo pesada e sonora nas pedras do calçamento. Quando estiou, atravessamos o gramado em direção à nossa suíte.

Vendo Jill se despir. Rum num copo de escova de dente. O som e a força da ventania. A pele em torno dos meus olhos rachando depois de dez dias de sol e vento.

Demorei para pegar no sono. Depois que o vento parou, finalmente, a primeira coisa que ouvi foram galos cantando, pareciam centenas, na serra ao longe. Minutos depois os cachorros começaram a latir.

Partimos ao raiar da madrugada. Nove homens com machadinhas seguiam pela estrada em fila indiana.

Descobrimos que o nome da outra mulher era Christa. Ela e Jill ficaram conversando fiado durante o início da viagem. Depois Jill abaixou a cabeça sobre o livro aberto.

Choveu uma vez, rapidamente.

Eu imaginava encontrar meia dúzia de pessoas no aeroporto naquela hora. O terminal estava lotado. Gente se empurrando para chegar ao balcão. Era difícil se locomover por causa das malas e caixas e gaiolas de pássaros e crianças pequenas.

“Que loucura”, disse Jill. “Onde é que a gente está? Eu não acredito que isso está acontecendo.”

“O avião vai estar vazio quando chegar, ou quase. Estou

contando com isso. E tem muita gente aqui que está na lista de espera. Nós somos os números dois e três, lembra?”

“Deus, se você existe, por favor me tira dessa ilha.”

Ela estava quase chorando. Deixei-a perto da porta e tentei me aproximar da beira do balcão. Ouvi o avião se aproximando e pousando.

Minutos depois, as pessoas que já tinham passagens haviam quase todas saído de perto do balcão, formando uma fila que atravessava o salão. O calor já nos encharcava. Entre os que permanecíamos amontoados, ocorriam pequenas explosões de desespero — uma veemência de movimentos, gestos e expressões.

Ouvi o funcionário chamando nossos nomes. Fui até o balcão e debrucei-me o máximo que pude. A minha cabeça e a dele estavam quase encostando. Um iria, expliquei, e o outro não. Dei a ele a passagem de Jill. Então voltei para pegar a bagagem dela e levá-la até a pequena plataforma ao lado do balcão. A boca de Jill escancarou-se e seus braços levantaram-se de repente, numa espécie de pantomima de surpresa num filme mudo. Ela veio andando atrás de mim carregando uma das minhas malas.

“Você vai sozinha”, expliquei. “Você tem que preencher um formulário na cabine. Cadê o seu passaporte?”

Livre da bagagem, levei-a até o serviço de imigração e fiquei segurando uma das sacolas dela enquanto Jill preenchia o formulário amarelo. Entre uma linha e a próxima ela me dirigia olhares ansiosos. Confusão por toda parte. O espaço à nossa volta era vítreo e luminoso.

“Este dinheiro é pra taxa de embarque. Só tem lugar pra um de nós. Seria bobagem você não ir.”

“Mas a gente combinou.”

“Bobagem você não ir.”

“Não estou gostando disso.”

“Vai dar tudo certo.”

“E você?”

“Vou me casar com uma nativa e aprender a pintar.”

“A gente pode fretar um voo. Vamos tentar, mesmo que seja só nos dois.”

“Não tem como. Aqui nada funciona.”

“Não quero ir embora assim. É horrível. Não quero ir.”

“Jill, meu amor”, eu disse.

Fiquei a vê-la seguindo em direção à rampa da entrada de trás do avião. Pouco depois todas as hélices estavam girando. Voltei para o salão e vi Christa perto da porta. Peguei minhas malas e saí do terminal. Rupert estava sentado num banco em frente à loja de suvenires. Só depois que avancei uns metros consegui que ele me visse. Virei-me para trás e olhei para Christa. Ela pegou sua mala. Então nós três, cada um a partir de seu lugar, seguimos em direção ao carro.

Eu já estava começando a aprender onde ia aparecer certo grupo de casas, onde ficavam as piores curvas, onde e de que lado da estrada ia surgir um trecho de mata cerrada. Ela estava sentada a meu lado, esfregando os dedos numa picada de inseto no antebraço esquerdo.

Fomos para o mesmo hotel e pedimos uma suíte com piscina. Caminhamos pela praia seguindo uma camareira e depois tomamos um caminho que levava a um dos portões do jardim. A reação de Christa ao ver o jardim e a piscina me fez concluir que ela havia passado a noite anterior num dos quartos junto da praia, que eram simples.

Quando ficamos a sós, fui com ela até o banheiro. Ela tirou uma loção do estojo de maquiagem e derramou uma pequena quantidade num chumaço de algodão. Lentamente passou o algodão pelo rosto.

“Você era o número sete”, comentei.

“Só foram quatro.”

“Você teria voltado sozinha? Ou ia ficar no aeroporto?”

“Estou com muito pouco dinheiro. Não estava esperando por isso.”

“Eles não têm computador.”

“Eu saí. Liguei do hotel onde estava. Tem mais de uma lista. Duas vezes eles não conseguiram achar meu nome em lugar nenhum. E não tem como saber quando o voo é cancelado.”

“O avião não vem.”

“É verdade”, ela concordou. “O avião não vem e você entende que saiu por nada.”

Segurei o rosto dela com as duas mãos.

“Isto é nada?”

“Não sei.”

“Você sente.”

“Sinto, sim.”

Ela entrou no quarto e sentou-se na cama. Depois voltou a vista para a porta, olhando para mim — uma avaliação adiada. Depois de um período do que parecia ser silêncio absoluto, percebi o ruído suave de ondas quebrando e me dei conta de que estivera ouvindo aquele som o tempo todo, o oceano, água movente a deslizar e quebrar. Sem tirar os olhos de mim, Christa estendeu o braço para trás em direção à sua mala, que estava no meio da cama, e tateando procurou os cigarros.

“Como é que você está de dinheiro?”, perguntei.

“Cem dólares do Caribe Oriental.”

“Menos de duas idas e voltas do aeroporto.”

“É engraçado, não? É assim que temos que contar o dinheiro.”

“Você dormiu essa noite?”

“Não”, ela respondeu.

“Ventou demais. Não parava de ventar. Ventou até o amanhecer. Eu adoro ouvir e sentir esse tipo de vento. Morno, quase quente. Chegou a dobrar as árvores lá fora. Dava pra ouvir o vento nas árvores. Aquele som pesado, de tudo sendo espalhado.”

“Ouvindo aquele barulho e sentindo a força do vento, não podia acreditar que estava quente.”

Quando tudo é novo, os prazeres são superficiais. Constatei que me dava uma satisfação misteriosa pronunciar o nome dela em voz alta, recitar as cores de seu corpo. Cabelo e olhos e mãos. A neve fresca dos seios. Absolutamente nada parecia banal. Eu tinha vontade de fazer listas e classificações. Simples, básico, verdadeiro. A voz dela era suave e sutil. Os olhos eram tristes. A mão esquerda tremia às vezes. Era uma mulher que tivera problemas na vida, um casamento desastroso que deixara marcas, talvez, ou uma amiga querida que havia morrido. A boca era sensual. Ela inclinava a cabeça para trás de leve quando estava à escuta. O tom de castanho do cabelo era comum, com laivos grisalhos, pequenos toques ou lampejos, que pareciam surgir e sumir com as variações da luminosidade.

Tudo isso eu disse a ela, e mais ainda, descrevendo de modo detalhado a maneira exata como a via, e Christa parecia contente com essas atenções.

Passamos a manhã na cama. Depois do almoço fiquei flutuando na piscina. Christa deitou-se à sombra, nua, recuando cada vez que a linha do sol atingia seu cotovelo ou encostava em seu calcanhar rosado.

“Temos que começar a pensar”, disse ela. “Tem o voo das cinco.”

“Não estamos nem mais na lista de espera. Viemos pra cá sem pedir que eles avançassem nossos nomes na lista. Sem chance.”

“Preciso ir embora.”

“Eu ligo depois. Dou os nossos nomes. Vamos ver quais os números que eles vão nos dar. A gente pode ir amanhã. Amanhã são três voos.”

Ela enrolou-se numa toalha grande e sentou-se na escadinha do pátio. Claramente, queria dizer alguma coisa. Permaneci em pé no fundo da piscina, com a água à altura do peito.



Era o quarto dia em que ela tentava sair da ilha. Estava começando a ficar muito assustada nas últimas vinte e quatro horas. O calvário no aeroporto, disse ela, fizera-a sentir-se impotente, patética, perdida. A maneira estranha de falar das pessoas. O dinheiro cada vez mais curto. As viagens de táxi pela serra. A chuva e o calor. E a tensão, a tensão sombria, o tom ou atmosfera ínsita, a lógica infausta do lugar. Era como um sonho, um pesadelo de isolamento e imobilidade. Ela precisava ir embora da ilha. Teríamos aquelas horas juntos. Aquele episódio, como ela dizia. Mas depois eu teria de ajudá-la a ir embora.

A toalha branca dava-lhe um ar solene. Afundei e emergi algumas vezes na água. Depois saí da piscina e entrei no quarto para telefonar para a companhia de aviação. O homem disse que não tinha nenhum registro dos nossos nomes. Repliquei que tínhamos passagens válidas e expliquei-lhe algumas das dificuldades que havíamos tido. Ele disse para voltarmos às seis da manhã. Todos nós estaríamos mais informados então.

Jantamos na suíte. Com um lápis esbocei o perfil de Christa no verso de um guardanapo de linho. Levamos a sobremesa para o jardim. Fiz outro esboço dela, agora de corpo inteiro, no papel de carta do hotel. O oceano. A extensão da costa.

“Você pinta, é?”

“Eu escrevo.”

“Ah, escritor?”

“O que é isso que tem esse cheiro fantástico? É jasmim? Eu queria saber os nomes.”

“É muito agradável, um jardim.”

“Além de ter que sair da ilha, você tem que estar em algum lugar num dia específico?”

“Preciso ir a Barbados e de lá a Londres. Tem pessoas que vão encontrar comigo.”

“Pessoas à sua espera.”

“É.”

“Num jardim inglês.”

“Em dois cômodos pequenos, com bebês chorando.”

“Você sorri. Ela sorri.”

“Isso é uma coisa extraordinária.”

“Um sorriso secreto, esse sorriso dela. Profundo e íntimo. Mas envolvente ao mesmo tempo.”

“Ninguém vê isso há anos. Meu rosto dói de fazer assim.”

“Christa Landauer.”

Um homem trouxe conhaque. Christa trajava um roupão velho. O céu noturno estava límpido.

“Você quer passar despercebida”, disse eu.

“Como você vê isso?”

“Você quer ser indistinta. Vejo isso de maneiras diferentes. As roupas, o jeito de andar, a postura. O rosto, acima de tudo. Seu rosto estava diferente há não muito tempo, disse eu tenho certeza.”

“O que mais sabemos um sobre o outro?”

“O que vemos.”

“Tocamos. O que tocamos.”

“Fale em alemão”, pedi.

“Por quê?”

“Eu gosto de ouvir.”

“Você conhece a língua?”

“Quero ouvir o som. Gosto do som do alemão. É heavy metal. Eu sei dizer oi e até logo.”

“Só isso?”

“Fale naturalmente. Diga qualquer coisa. Puxe uma conversa.”

“Vamos ser alemães na cama.”

Ela estava sentada com uma perna apoiada numa cadeira, por fora do roupão, segurando a taça de conhaque e o cigarro com a mesma mão.

“Você está ouvindo?”

“O quê?”

“Presta atenção.”

“As ondas”, disse ela.

Depois de algum tempo entramos no quarto. Vi-a andar até a cama. Ela tirou um travesseiro do lugar e deitou-se, olhando diretamente para cima, um dos braços pendendo para fora da cama. Com o indicador bateu a cinza do cigarro no chão. A fumaça subia ao longo de seu braço. Mulheres em posições aleatórias, mulheres folgando, sempre despertaram em mim um prazer forte, mulheres descansando descuidadas, e eu sabia que aquela imagem de Christa se tornaria com o tempo uma lembrança recorrente, os olhos abertos e muito remotos, as profundezas do silêncio em seu rosto, o roupão esfarrapado, a cama desfeita, a sensação de reflexão pensativa que ela transmitia, de solidão e lonjuras severas, a fumaça que subia ao longo de seu braço, parecendo grudar-se a ele.

Telefonei para a recepção. O homem disse que mandaria alguém trazer o café da manhã às quatro e meia, e que Rupert estaria esperando lá fora em seu táxi às cinco.

O vento começou de repente, chacoalhando as persianas e atravessando o quarto, papéis voando, as cortinas levantando-se. Christa apagou o cigarro e a luz.

Quando abri os olhos, muito tempo depois, a luminária da mesa estava acesa e ela, de robe, lia uns papéis. Tentei encontrar meu relógio de pulso. A porta e as persianas estavam fechadas, mas eu ouvia a chuva caindo.

“Que horas são?”

“Vá dormir.”

“Nós não ouvimos quando chamaram?”

“Ainda tem tempo. Eles vão tocar a campainha do portão. Ainda temos uma hora.”

“Quero você do meu lado.”

“Preciso terminar”, disse ela. “Dorme.”

Consegui me apoiar num cotovelo.

“O que é que você está lendo?”

“Trabalho. É muito chato. Você não vai se interessar. A gente não faz perguntas, eu e você. Você está quase dormindo, senão nem perguntava.”

“Você vem se deitar daqui a pouco?”

“Vou, daqui a pouco.”

“Se eu dormir, você me acorda?”

“Acordo.”

“Pode abrir a porta um pouquinho, pra gente sentir o ar?”

“Claro”, disse ela. “Como quiser.”

Voltei a deitar-me e fechei os olhos. Pensei naquelas ilhas de areia lá longe, dois dias num barco, e espuma brilhando nos recifes, e o tom verde das gaiivotas vistas de baixo com o reflexo da água ensolarada.

Mais uma vez, mais uma vez, as árvores de folhas largas e as baixadas cobertas de mato cerrado, a estrada sinuosa subindo em meio a fumaça e chuva. Alguma circunstância da luminosidade daquela manhã em particular dava à paisagem uma coloração sutil. As distâncias não eram tão vívidas e vivas. Havia um único verde profundo, com nuances elusivas. Estávamos já nas últimas etapas, na estrada havia cerca de quarenta e cinco minutos, e eu estava pensando que ainda podia mudar, algum composto meteorológico brutal poderia modificar o terreno, gerando textura e dimensão, saltos de luz verde, aqueles raios e tremulações, e aquela quase consciência que sempre julgamos encontrar em zonas cobertas de mato. Christa esfregou a mão no pescoço, sonolenta. Eu olhava o tempo todo para fora e para cima. No primeiro

plano, ao longo da estrada, havia mulheres com saias desbotadas, surgindo em grupos de duas ou três, periodicamente, mulheres emergindo na luminosidade úmida, rostos ossudos, algumas com cestas na cabeça, olhando para nós, ombros jogados para trás, braços nus reluzentes.

“Desta vez vamos conseguir”, disse Christa.

“Você está se sentindo com sorte.”

“Não vamos nem esperar. Primeiro voo.”

“E se isso não acontecer?”

“Nem pense nisso.”

“Você volta comigo?”

“Não estou ouvindo isso.”

“Ficar é uma loucura”, disse eu. “Uma espera de sete ou oito horas. Vamos saber como está nossa situação. Vou perguntar tudo ao homem. O Rupert fica esperando por nós. Ele nos leva de volta ao hotel. A gente passa mais um tempo juntos. Depois volta. Pegamos o voo das duas, ou o das cinco, conforme estiver nossa posição. O importante agora é saber qual é a nossa posição.”

Rupert ouvia o rádio, inclinando os ombros numa curva suave.

“Você gosta muito disso?”, ela perguntou. “Vai e volta?”

“Gosto de flutuar.”

“Isso não é resposta.”

“Sério, eu gosto de flutuar. Tento flutuar um pouco toda vez que tenho uma oportunidade.”

“Você devia voltar. Flutuar seis semanas.”

“Sozinho, não”, retruquei.

Ela estava com o mesmo vestido cinzento que usara na antevéspera, na estrada de terra à frente do terminal do aeroporto, quando virei e a vi mantendo uma distância discreta, o rosto contorcido pelo sol forte.

“Falta quanto tempo? Conheço este lugar.”

“Uns minutos”, respondi.

“Foi aqui que a gente quase saiu da estrada, na primeira vez, quando jorrou fumaça pela frente. Eu devia ter entendido na hora. Tudo ia dar errado até o fim.”

“O Rupert não vai deixar que isso aconteça, não é, Rupert?”

“Vendo o carro todo sumir na fumaça”, disse ela.

Olhei para ela e nós dois sorrimos. Rupert dava tapinhas no volante ao ritmo da música. Passamos por umas casas e começou a última subida.

Peguei a passagem de Christa e pedi que ela esperasse no táxi. A bagagem também ficaria no carro até que tivéssemos a certeza de que íamos poder embarcar. Havia algumas pessoas do lado de fora do terminal. Um homem atarracado, indiano ou paquistanês, estava parado ao lado da porta. Eu o vi perto do balcão na véspera, espremido na multidão, suando, com um blazer listrado. Havia agora alguma coisa nele, uma atitude introspectiva, uma tranquilidade quase lúgubre, que me compeliu a parar a seu lado.

“Estão dizendo que caiu”, disse ele.

Não olhamos um para o outro.

“Quantas pessoas a bordo?”

“Oito passageiros, três tripulantes.”

Entrei. Havia apenas duas pessoas no terminal, e o balcão estava vazio. Passei para o outro lado do balcão e abri a porta do escritório. Dois homens com camisas brancas estavam sentados um virado para o outro, cada um à sua escrivaninha, uma encostada na outra.

“É verdade?”, perguntei. “Caiu?”

Eles olharam para mim.

“O voo de Trinidad. O das seis e quarenta e cinco. Destino a Barbados. Ele não caiu?”

“Voo cancelado”, disse um deles.

“Lá fora estão dizendo que caiu na porra do mar.”

“Não, não — foi cancelado.”

“O que foi que aconteceu?”

“Não havia condições de decolagem.”

“O vento”, disse o outro.

“Eles tiveram uma série de problemas.”

“Quer dizer que foi só cancelado”, resumi, “e não foi nada sério.”

“O senhor não telefonou. Tem que telefonar antes de vir aqui. Sempre.”

“As outras pessoas telefonam”, disse o segundo homem. “Por isso que o senhor está sozinho aqui.”

Mostrei-lhes as passagens; um deles anotou nossos nomes e disse que imaginava que o avião chegaria a tempo de decolar às duas.

“Qual é a nossa posição na lista?”, perguntei.

Ele me disse para telefonar antes de ir. Atravessei o terminal, agora vazio. O homem atarracado continuava parado ao lado da porta.

“Não caiu, não”, disse eu.

Ele olhou para mim, pensando.

“Então está vindo?”

Fiz que não com a cabeça.

“O vento”, expliquei.

Passaram crianças correndo. O táxi de Rupert estava estacionado numa pequena área aberta a uns trinta metros dali. Não havia ninguém ao volante. Quando me aproximei vi Christa no banco de trás, inclinando-se para a frente. Ela me viu e saltou, ficando à espera ao lado da porta aberta.

Seria melhor começar com o boato do desastre. Ela ficaria aliviada ao saber que não era verdade. Assim seria mais fácil aceitar o cancelamento.

Mas quando comecei a falar me dei conta de que nenhuma

tática funcionaria. Pouco a pouco seu rosto foi ficando inerte. Todos os seus eus implodindo. Ficou inacessível e absolutamente imóvel. Continuei dando explicações, sem saber que outra coisa eu poderia fazer, cômico de que estava falando de modo ainda mais claro do que é de costume quando se fala com estrangeiros. Chovia um pouco. Tentei explicar que muito provavelmente íamos conseguir partir mais tarde ainda naquele dia. Eu falava de modo pausado e claro. As crianças passaram correndo.

Os lábios de Christa mexeram-se, embora não dissesse nada. Ela passou por mim, afastando-me do caminho, e foi seguindo pela estrada com passos rápidos. Estava no meio da vegetação rasteira, atrás de um barracão feito de papel alcatroado, quando consegui alcançá-la. Desabou em meus braços, tremendo.

“Tudo bem”, disse eu. “Você não está sozinha, não vai acontecer nada de mau, é só um dia. Tudo bem, tudo bem. Vamos ficar juntos, só isso. Mais um dia, só isso.”

Eu a segurava por trás, falando bem baixinho, minha boca tocando na curva de sua orelha direita.

“Vamos ficar sozinhos no hotel. Praticamente os únicos hóspedes. Você pode descansar o dia todo sem pensar em nada, nada. Não importa quem você é, por que você está presa aqui, pra onde você está indo. Não precisa nem se mexer. É só ficar deitada na sombra. Sei que você gosta de se deitar na sombra.”

Toquei-lhe o rosto de leve com as costas da mão, numa carícia insistente, uma bela palavra.

“Vamos ficar juntos. Você pode descansar e dormir, e à noite a gente toma um conhaque tranquilo, e vai se sentir melhor. Tenho certeza, certeza absoluta de que vai estar melhor. Você não está sozinha. Tudo bem, tudo bem. Vamos passar juntas essas horas finais, só isso. E você vai falar comigo em alemão.”

Na chuva fina, caminhamos pela estrada em direção à porta aberta do táxi. Rupert estava ao volante, com sua medalha de prata no peito. O motor do carro estava ligado.